

A large, bold, black letter 'Q' is positioned on the left side of the page. It is a simple, sans-serif font with a thick stroke. The letter is oriented vertically, with its top at the top of the page and its tail pointing downwards and to the right.

Quando foi lançado, em 1989, *A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*, de João Adolfo Hansen, o livro tornou-se imediatamente uma referência nos estudos das letras coloniais brasileiras. Nele, o autor estabelecia novos caminhos para a crítica literária feita no país, ao analisar as obras do período colonial a partir das práticas artísticas em que essas obras foram produzidas. Assim, ao rejeitar rótulos como “transgressão”, “originalidade” e mesmo o de “barroco”, tidos pelo autor como anacrônicos e provenientes de leituras posteriores, sejam românticas, antropofágicas e até tropicalistas (vide a versão de “Triste Bahia”, de Caetano Veloso), e reivindicar interpretações que levassem em conta os critérios intrínsecos de sua época e estilo, Hansen abria espaço para uma vasta área de estudos analíticos, tais como estes que a **Revista USP** ora apresenta em seu número 121.

São cinco textos que compõem o dossiê Artes & Letras. Ele foi idealizado e organizado pelos professores Jean Pierre Chauvin, da Escola de Comunicações e Artes da USP, Marcelo Lachat, da Universidade Federal de São Paulo, e Maria do Socorro Fernandes de Carvalho, também da Unifesp. A eles, portanto, nossos agradecimentos. Além das contribuições de seus organizadores, o dossiê traz ainda um artigo de Marcus De Martini, da Universidade Federal de Santa Maria, e um texto inédito do próprio João Adolfo Hansen, sobre arte sacra colonial.

Na seção Arte o destaque é Cézanne. O mesmo Cézanne que, em 2012, inaugurava a seção, agora retorna em ensaio de Marcos Fabris. A perspectiva, no entanto, é outra. Se naquele primeiro momento o mestre do pós-impressionismo e um dos pais da pintura moderna era abordado a partir de seu processo de criação, inclusive com belas imagens de seu ateliê em Aix-en-Provence, no sul da França, nesta edição a visada recai sobre a recepção de sua obra no Brasil, no modo como a exposição de seus quadros, de volta aos cavaletes de cristal concebidos por Lina Bo Bardi, no Masp, influenciaram (e continuam influenciando) a assimilação de seu fabuloso universo estético pelo público brasileiro.

Boa leitura!

Jurandir Renovato